A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Milene Costa Maciel[1]
Lindalva Sâmela Jacaúna de Oliveira[2]

RESUMO: Esse estudo discute a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. Com foco na construção de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem as particularidades do desenvolvimento infantil. A pesquisa enfatiza a importância da formação continuada dos educadores, da adaptação do currículo e do ambiente escolar, além disso, do fortalecimento da parceria escola e família. Por meio de revisão bibliográfica e análise de experiências, o estudo evidencia os desafios e avanços da inclusão escolar, destacando a necessidade de políticas públicas eficazes que garantam o acesso, permanência e aprendizagem significativa das crianças autistas. A inclusão escolar de alunos autistas enfrenta desafios, mas também traz benefícios, como a promoção da diversidade, o respeito à individualidade e a construção de uma sociedade mais inclusiva. Para garantir uma inclusão bem sucedida, são necessárias adaptações curriculares, suporte individualizado e capacitação de professores para atender as necessidades específicas desses alunos. Conclui-se que a inclusão vai além da presença física na escola, exigindo um compromisso ético e pedagógico com a diversidade.

Palavras-chave: apoio escolar; educação inclusiva, profissional.

ABSTRACT: This study discusses the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in early childhood education. It focuses on the construction of inclusive pedagogical practices that respect the particularities of child development. The research emphasizes the importance of continuing education for educators, adapting the curriculum and the school environment, and strengthening the school and family environment. Through a literature review and analysis of experiences, the study highlights the challenges and advances of school inclusion, highlighting the need for effective public policies that guarantee access, permanence and meaningful learning for autistic children. The school inclusion of autistic students faces challenges, but also brings benefits, such as the promotion of diversity, respect for individuality and the construction of a more inclusive society. To ensure successful inclusion, curricular adaptations, individualized support and teacher training are allowed to meet the specific needs of these students. It is concluded that inclusion goes beyond physical presence at school, requiring an ethical and pedagogical commitment to diversit

Keywords: school inclusion, autismo spectrum disorder, teacher.

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: milene.maciel@aluno.fbnovas.edu.br.
[2] Orientadora do trabalho. Mestra em Educação e Ensino de Ciências da Amazônia. Professora do Curso de Pedagogia na Faculdade Boas Novas. E-mail: lindalva.samela@fbnovas.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar ainda representa um grande desafio para os profissionais da educação e também para os estagiários que estão em processo de formação. A partir das observações realizadas durante a prática de estágio, percebeu-se que muitas vezes o ser humano tende a evitar novas experiências que lhe causam desafios, o que gera insegurança diante da temática da inclusão. Essa resistência se reflete também entre os educadores, que mesmo inseridos no contexto escolar, demonstram dificuldades em lidar com a diversidade e em desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às necessidades de crianças atípicas.

Sabe-se que o estágio tem um papel fundamental na formação dos estudantes, pois é o momento de agregar os conhecimentos teóricos adquiridos durante as aulas para a prática profissional. A partir daí o presente trabalho trata-se de uma pequena explanação acerca da minha vivência enquanto estagiária, com o objetivo de agregar conhecimento acerca da Educação Inclusiva a partir da experiência vivenciada.

O trabalho traz ao longo de seu desenvolvimento bases teóricas que informam sobre o Transtorno do neurodesenvolvimento Espectro Autista, destacando os desafios que os educadores enfrentam para desenvolver estratégias pedagógicas que contribuíam para a inclusão, com objetivo de especificar e relatar as leis da Constituição Federal (1988) define a educação como um direito de todos e estabelece a igualdade de condições de acesso à escola, inclusão da pessoa com deficiência, lei de diretrizes 9.394/96, estatuto da criança e do adolescente 8.069/90.

Por fim, destaca sobre a garantia ao acesso à educação de qualidade e inclusiva, aplicando estratégias pedagógicas e conhecer as individualidades, explorar a fala e os recursos visuais, envolver o coletivo, promover um ambiente adaptável, promover interesses específicos, desenvolver habilidades sociais e por fim envolver a família para facilitar o convívio.

2 CONCEITO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Para Kanner (1943), iniciou os estudos sobre o autismo na década de 40, foi um psiquiátrico austro-americano, durante sua vida dedicou-se às suas pesquisas de crianças que apresentavam comportamentos diferenciados e peculiares. Em 1943, Kanner publicou o artigo

“distúrbio autisticos” do contato afetivo, que é considerado o primeiro relato clínico autismo como um transtorno distinto.

> O autismo é um transtorno neurológico no desenvolvimento do indivíduo em três eixos sintomáticos: comunicação, comportamento e social. O autismo é um problema do desenvolvimento humano que foi descrito pela primeira vez pelo médico Leo Kanner em 1943. No trabalho de Kanner, foram estudados 11 casos de pessoas que apresentavam uma incapacidade de relacionar-se. Com o passar dos tempos os números de diagnósticos com crianças do espectro autista vêm aumentando nos últimos anos.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, além de padrões comportamentais e interesses restritos e repetitivos. Essa condição pode ser percebida desde a infância, geralmente antes dos três anos de idade, embora alguns sinais possam se tornar mais evidentes à medida que a criança cresce. Podemos destacar as principais características do TEA, sendo manifestações diversas e podem variar amplamente de pessoa para pessoa.

Para APA (2014), o TEA é classificado pelo DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais) como um transtorno que afeta permanentemente o desenvolvimento e o funcionamento do indivíduo, com manifestações que podem variar em intensidade e impacto sobre a vida social, acadêmica e ocupacional.

No entanto, é possível identificar características comuns em três áreas principais como a comunicação e Interação Social, que está atrelada as dificuldades em iniciar e manter interações sociais, os problemas em compreender e usar gestos, expressões faciais e outros sinais não verbais em construir e manter amizades adequadas à sua idade, o uso atípico da linguagem, como ecolalia (repetição de palavras ou frases ouvidas) e pouca reciprocidade social ou emocional, apresentando respostas incomuns em situações sociais.

Segundo Lord e Bishop (2010), essas dificuldades estão diretamente relacionadas a déficits em habilidades socioemocionais, que dificultam o estabelecimento de vínculos afetivos e de interações sociais eficazes, sendo uma característica marcante do autismo em seus diferentes níveis.

Comportamentos repetitivos, como movimentos estereotipados, interesses restritos e rituais, sensibilidade sensorial, sensibilidade aumentada ou diminuída a estímulos sensoriais, como luz, sons e toques, são frequentemente observados. Desenvolvimento cognitivo e funcionalidade o desenvolvimento intelectual pode variar, desde habilidades superiores até deficiência intelectual significativa.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta uma em cada 160 crianças em todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2021, a OMS destacou a importância do diagnóstico precoce e do acesso a serviços de apoio para pessoas com TEA. A conscientização sobre o autismo e a inclusão profissional de pessoas autistas são temas relevantes, com campanhas anuais como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo em 2 de abril, de acordo com a Câmara dos Deputados.

Algumas crianças com TEA podem apresentar habilidades excepcionais em áreas como matemática, música ou memória, enquanto outras podem ter dificuldades em aprender habilidades básicas. A funcionalidade e autonomia da pessoa com TEA podem variar consideravelmente, indo desde indivíduos que conseguem viver de forma independente até aqueles que necessitam de suporte contínuo.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DO PROCESSO DE INCLUSÃO A LUZ DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O processo de inclusão escolar teve início nos Estados Unidos e nos países mais desenvolvidos, se expandiu para outros países no século XXI. Nos países mais desenvolvidos iniciou-se o movimento da inclusão em 1985. E nos Estados Unidos em 1975 foi criada a Lei Pública 94.142, a partir de movimentos sociais de pais e alunos com deficiência.

Segundo Mantoan (2006), essas legislações representou um marco na luta pelos direitos das pessoas com deficiência, assegurando-lhes o acesso à educação em igualdade de condições com os demais alunos. A Lei 94.142 garantiu serviços de educação especial gratuitos e apropriados, além do direito à permanência em escolas regulares.

A inclusão è grande relevância na nossa sociedade, onde estamos vivendo em uma era onde as diversidades, gêneros e os direitos de pessoas com suas características, têm emergido como uma questão ética, promovendo reivindicação por uma sociedade mais justa e igualitária.

O processo de inclusão na educação especial tem uma história longa e complexa. No período de exclusão no século XVIII-XIX, com a institucionalização de pessoas com deficiência eram frequentemente institucionalizadas e separadas da sociedade. A educação segregada na educação especial era oferecida em escolas separadas, com currículo e métodos diferentes. No período de integração na década de 1960, houve um movimento para integrar

pessoas com deficiência na sociedade. De acordo com Glat e Fernandes (2005, p. 8), “a integração pressupunha a adaptação do aluno à escola e não o contrário, o que, muitas vezes, impedia o desenvolvimento de uma proposta realmente inclusiva”.

A educação especial começou a ser oferecida em escolas regulares, mas frequentemente em salas separadas. No período de inclusão nas décadas de 1990-2000, a declaração Salamanca (1994), estabeleceu os princípios da educação inclusiva. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), estabeleceu a obrigatoriedade da educação especial em escolas regulares. Essa mudança legal e paradigmática foi reforçada pela Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 208, inciso III, assegura o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Na educação inclusiva, se tornou um objetivo central com a integração de alunos com deficiência em salas de aula regulares. No período atual, na década de 2010, a educação inclusiva se tornou uma prática comum em muitas escolas. No entanto, ainda existem desafios e limitações, como falta de recurso e a necessidade de formação de professores. A tecnologia tem ajudado a melhorar a inclusão, com recursos como a acessibilidade digital e a comunicação alternativa. Segundo Oliveira e Aranha (20090, apesar dos avanços legais, a efetivação da inclusão depende de políticas públicas eficazes de investimento contínuo e de mudanças na cultura escolar).

A inclusão è uma questão complexa, pois para que tenha sucesso è necessário que as escolas estejam preparadas para receber e lidar com esses tipos de aluno e que tenham equipes de profissionais devidamente qualificadas. Na realidade de muitos profissionais nem sempre essa inclusão em sala de aula è valida, pois o professor tem dificuldade de didática em manter a metodologia para esses alunos, pois requer muita atenção e dedicação e nem sempre esses alunos são vistos como um “aluno que esteja incluso”.

4 METODOLOGIA

Compreendendo a relevância da pesquisa para o campo educacional e a complexidade de inserção do aluno autista na educação infantil, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, sendo entendida como sendo uma investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado. No caso, o assunto abordado no decorrer deste trabalho e a

forma como os dados foram coletados e analisados. Dessa forma, Godoy (1995) menciona que:

> "Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada".

O tipo de pesquisa é de campo na qual apresenta possibilidades positivas no método questionário, onde foi possível investigar a temática a partir de um contexto e um olhar mais especifico.

4.1 COLETAS DE DADOS E INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Os instrumentos e coleta de dados foram entrevistas realizada de forma semiestruturada, com identificação de cada participante, com nome, idade, sexo e profissão que atua. A análise de dados aconteceu a partir das respostas coletadas na entrevista, sendo quatro questões, duas objetivas e duas dissertativas onde realizei as entrevistas e acompanhamento na rotina dos professores, onde a partir do olhar dos participantes pudéssemos construir nossas inferências sobre a temática. Utilizaremos a Técnica de Análise de Conteúdo Categorial Temática. Godoy (1995) mostra que essa Técnica busca perceber as características presentes nas mensagens e as relações que são construídas entre elas.

Os participantes entrevistados para essa pesquisa foram cinco profissionais da educação que vivenciam diariamente a rotina escolar de crianças com TEA. Destes profissionais quatro participantes atuam como Professores da Educação infantil e um participante atua como profissional de apoio aos estudantes da educação especial.

Tabela 1- Caracterização dos profissionais que contribuíram no acréscimo da pesquisa/2025

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	PROFISSÃO
A	42 anos	Feminino	Professora
B	31 anos	Feminino	Mediador Escolar
C	23 anos	Feminino	Mediador Escolar
D	45 anos	Feminino	Professora
E	31 anos	Masculino	Professor

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A pesquisa foi realizada em uma escola privada da cidade de Manaus, a escolha pela escola privada se deu por acreditarmos ser um espaço democrático que busca atender todas as crianças. Além disso, nós enquanto estudantes de educação, percebemos a escola como um espaço de resistência e luta por uma educação igualitária para todos.

A análise dos resultados foram a partir da análise de conteúdo, evidenciado os desafios e concepções dos educadores a respeito do processo de inclusão dos alunos, considerando que integrar não é o mesmo que incluir.

5 CONCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE A INCLUSÃO EM SALA DE AULA

Diante das concepções dos docentes sobre o transtorno do espectro autista, influenciam diariamente a forma como esses alunos são acolhidos e ensinados. Muitas vezes, tais concepções são formadas por experiências pessoais, falta de equipe qualificada como (acompanhamento terapia ocupacional, psicólogos, nutricionista, fonoaudiólogos) para esperar resultados alcançados na rotina escolar. Sabemos que os docentes enfrentam desafios para lidar com crianças com TEA em sala de aula, mantendo sua metodologia de ensino para se adequar a essas crianças, ver Quadro 1 e 2.

Quadro 1 - Pesquisadora: Você já teve convivência com crianças atípicas?

Participante	**Resposta**
A	SIM
B	SIM
C	SIM
D	SIM
E	SIM

Quadro 2 - Pesquisadora: Para você a inclusão em sala de aula é importante?

Participante	**Resposta**
A	SIM
B	SIM

C	SIM
D	SIM
E	SIM

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Todos os profissionais da educação tiveram experiências vivenciadas com crianças atípicas em sala de aula, compreender a concepção dos docentes sobre o transtorno do espectro autista se faz indispensável para que assim seja analisado as práticas pedagógicas utilizadas por esses profissionais no processo de inclusão escolar.

De acordo com Pletsch (2009), a forma como o professor compreende o aluno com deficiência impacta nas estratégias de ensino adotadas, no grau de expectativas sobre a aprendizagem e na maneira como se dá a interação em sala de aula.

Ao analisarmos o cenário da cidade de Manaus podemos observar que está havendo um grande aumento de crianças atípicas matriculadas na escola, um cenário marcado por avanços na sensibilização, mas também de muitos desafios, pois os educadores puderam falar um pouco sobre sua experiência, na maioria dos casos eles não tiveram uma boa experiência, pois não tiveram suporte e infraestrutura qualificada para que possam fazer um bom trabalho com esses alunos. Muitos desses profissionais demonstram empatia e estão dispostos a acolher e incluir esses alunos, porém não são todos os profissionais que estão dispostos a isso.

Ainda é possível observar lacunas na formação contínua o que limita a atuação pedagógica adequada frente às especificidades desses alunos. Em Manaus, para muitos dos profissionais as crianças atípicas deveriam estar matriculados em escolas inclusivas que atendem somente alunos com algum transtorno, a falta de conhecimento desses profissionais sobre o espectro autista dificulta o desenvolvimento e inclusão do aluno com TEA.

Para os educadores “A e D” é necessário criar espaços tranquilos e organizados, com rotinas previsível e visual para que seja possível melhorar a inclusão em sala de aula, já o participante “B” acredita que desenvolver aulas adaptadas para ajudar no desenvolvimento desses alunos seria uma boa prática para melhorar a inclusão, o participante C afirmou que prepararia os demais alunos da sala de aula para que o aluno com autismo fosse bem recebido por todos, entretanto o participante “E” iria identificar as habilidades e focos que o aluno tem, observando suas dificuldades e necessidades, pois com essas observações seria possível saber o tipo de atividades que seriam planejadas para que haja uma melhor inclusão em sala de aula.

Ao analisarmos as respostas dos docentes podemos observar uma preocupação em criar um ambiente acolhedor e inclusivo para as crianças com TEA, esses relatos apontam que apesar da falta de uma formação qualificada ainda há uma compreensão, embora seja algo inicial.

Segundo Matoan (2006), a inclusão não deve se limitar ao acesso físico à escola, mas envolver a reformulação de práticas pedagógicas e a construção de ambientes acolhedores e participativos. Nesse sentido, os docentes destacam que a criação de espações organizados, com rotinas visuais e previsíveis, bem como o planejamento de atividades adaptadas, contribui significativamente para o desenvolvimento e a participação de alunos com TEA.

Além disso, a atenção às habilidades e interesses individuais, como mencionado por um dos participantes, está alinhada à proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende uma educação centrada no sujeito, respeitando seus ritmos e formas de aprender (Brasil, 2018).

Essa concepção evidencia que, embora ainda haja desafios formativos, os docentes demonstram sensibilidade e disposição para promover práticas inclusivas que favoreçam a aprendizagem de todos os estudantes, reafirmando os princípios da equidade e da valorização da diversidade na escola.

6 ESTRATEGIAS PEDAGOGICAS A PARTIR DA VISÃO DOS DOCENTES PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTUDANTES COM TEA

Com a atuação dos professores no desenvolvimento com as crianças com TEA, exige mais do profissional adaptar estratégias em escola na cidade de Manaus, para o processo de desenvolvimento durante a vida escolar.

Ressaltamos que o profissional da educação tem de buscar habilidades para ter estratégias eficazes para o desenvolvimento desses alunos, como atividades adaptadas a partir do perfil da criança. Vale ressaltar também que cada criança com o transtorno é significativa, pois há variação em níveis de suporte necessários e manifestações comportamentais. Que leva ao profissional analisar seus níveis onde a criança atende e cumprir os métodos das atividades realizadas, respeitando seus limites.

Tendo em vista que cada escola com crianças atípicas há um Plano diferenciando dos demais, pois existe o PEI Plano Educacional Individualizado, onde toda escola adota para que a criança tenha atividades adaptadas diante desse plano. Com base nisso, os profissionais da

pesquisa responderam os questionários com as concepções dos que ressaltam que para ter uma inclusão objetiva precisa ter um ambiente organizado e estruturado com recursos adaptáveis para ter estímulo à motricidade, promover a interação e a participação dos demais colegas.

Os profissionais são parte integrante e primordial no processo de inclusão, com isso, eles contribuíram para a construção da pesquisa. Para o levantamento de dados sobre o que propõe a pesquisa, cinco professores se disponibilizaram em fornecer suas concepções sobre as Estratégias para adaptar uma criança com TEA em sala de aula. Participante **A** respondeu:

> **Professora A:** Primeiramente conhecer as necessidades do aluno, modificar tarefas para atender as necessidades. Utilizar o uso de recursos visuais e auditivos, para ajudar na compreensão e a utilização de diferentes estilos de aprendizagem. Desenvolver rotinas e procedimentos para tempos de transição e previsibilidade na realização de alguma atividade.

A participante ressalta que é importante conhecer seu aluno para analisar seus métodos e formas de trabalhar em sala de aula, de modo a manter uma rotina estruturada. Essa perspectiva está alinhada com os estudos de Vygotsky (1987), que enfatiza a importância do conhecimento prévio do aluno e da mediação pedagógica adequada ao seu desenvolvimento. Além disso, autores como Schwartzman (2011) e Cunha (2018) destacam que conhecer as particularidades dos alunos, especialmente os com Transtorno do Espectro Autista.

> **Professora B:** Realizaria alguns comandos de voz, ajudaria alguns alunos a reconhecer e identificar as atividades, rotinas, apontar, promover a socialização e participação, realizar registros, desenvolver jogos pedagógicos para sanar as dificuldades e desenvolver um PEI de acordo com as dificuldades dos alunos atípicos.

A participante B destacou que trabalharia com comandos de voz, a fim de estabelecer uma comunicação clara e objetiva, de curta duração, que fosse compreendida com facilidade pelo aluno. Além disso, ressaltou a importância da socialização e da criação de um ambiente organizado e tranquilo, no qual o aluno pudesse se acalmar se necessário. Mencionou ainda a aplicação de um plano individualizado para analisar as dificuldades específicas do estudante. Essa abordagem está em consonância com Schwartzman (2011), que defende o uso de instruções diretas e planejamentos individualizados como estratégias eficazes para a aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

> **Professora C:** Ter a capacitação do professor, ter um quadro de rotina e seguir sua rotina diariamente. Ter um espaço para ele com atividades nesse espaço deve contar objetos de regulação e deve ser organizado, usar linguagem clara e objetiva com criança com todos os profissionais envolvidos. Ter um momento específico para regulação da criança na atividade.

A participante C ressaltou a necessidade de capacitação docente e da utilização de quadros de rotina visual, os quais devem ser seguidos diariamente. Defendeu a criação de espaços estruturados, com objetos de organização emocional, bem como o uso de uma linguagem clara e objetiva, não apenas pelo professor, mas por toda a equipe pedagógica. Também sugeriu a organização de momentos específicos para a regulação emocional da criança. Essa fala dialoga com Oliveira e Silva (2020), que destacam a importância da previsibilidade e da organização do ambiente como ferramentas fundamentais para o bem-estar de crianças com TEA.

> **Participante D:** Utilizar o uso de recursos visuais para adaptarem atividades se possível modificar o ambiente em sala de aula e fortalecer a convivência com os colegas de turma.

A participante D afirmou que utilizaria recursos visuais adaptados, promoveria mudanças no ambiente da sala de aula e incentivaria a convivência entre os colegas de turma. Além disso, mencionou que deixaria o ambiente prazeroso e calmo, e estimularia a socialização com os demais estudantes. Essa proposta está alinhada com Mantoan (2006), que reforça a necessidade de adaptar o espaço escolar e fomentar interações sociais como parte essencial da educação inclusiva.

Participante E: Primeiramente é necessário estabelecer uma rotina para que o aluno adaptasse bem ao ambiente Planejando tarefas adequadas e equivalentes as suas habilidades, quando possível apresentar atividades diferentes para observar e analisar seu desenvolvimento.

A participante E apontou que o estabelecimento de uma rotina estruturada é essencial para promover a adaptação da criança ao ambiente escolar. Defendeu a elaboração de tarefas adequadas às habilidades do aluno e a apresentação de atividades diferenciadas, com o objetivo de observar e analisar seu desenvolvimento. Segundo Cunha (2018), a rotina bem

estruturada é um elemento-chave na criação de um ambiente estável e seguro para o aluno com TEA, permitindo avanços no processo de ensino-aprendizagem.

Diante dos comentários dos participantes, cada profissional tem seus métodos e formas para trabalhar e adaptar as crianças atípicas em sala de aula. Com base em cada comentário, é possível analisar que todos pensam no bem estar da criança, trazendo sugestões, opiniões e objetivos que espera serem alcançados por eles. Com métodos de estabelecer ambientes calmos, atividades adaptáveis, jogos pedagógicos, recursos visuais e sonoros e trabalhar a socialização em sala. Sabemos que tudo isso é possível com o apoio de outros profissionais de cada escola, para ter bons resultados.

Com isso é importante que os professores precisem adaptar suas práticas de ensino para atender as necessidades individuais de cada aluno autista, garantindo sua participação ativa e seu desenvolvimento integral na escola. Isso envolve a implementação de estratégias educacionais específicas. É importante garantir uma educação eficaz e inclusiva para as crianças com TEA, é essencial adotar abordagens pedagógicas diferenciadas e adaptadas diante as suas necessidades específicas. Além disso, é fundamental investir na formação e capacitação de professores e profissionais da educação que possam compreender melhor o TEA e desenvolver habilidades e estratégias para atender as necessidades de cada aluno com eficácia. E também com a ajuda entre educadores, profissionais de saúde, famílias e comunidade também é essencial para criar um ambiente de apoio e compreensão para as crianças com TEA.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) é um desafio que exige sensibilidade, preparo e comprometimento de toda a comunidade escolar. Ao longo deste trabalho foi possível compreender que a presença dessas crianças nas instituições de ensino não deve ser vista apenas como obrigação legal, mas como um direito fundamental e uma oportunidade de promover um ambiente educacional mais justo, acolhedor e enriquecedor para todos.

As estratégias pedagógicas voltadas para crianças com TEA precisam considerar as particularidades de cada aluno, respeitando seu ritmo, suas formas de comunicação e interação com mundo. A utilização de recursos visuais, rotinas estruturadas, atividades

sensoriais e o apoio de profissionais especializados são fundamentais para favorecer o desenvolvimento global da criança e sua participação ativa no contexto escolar.

Além disso, a formação continuada dos professores e o trabalho colaborativo entre escola, família e profissionais da saúde são pilares indispensáveis para o sucesso da inclusão. Quando a escola se abre compreender e acolher as diferenças, todos os envolvidos crescem juntos.

Portanto, a inclusão de crianças com TEA na educação infantil não é apenas possível, mas essencial. É preciso que as políticas públicas avancem, que os profissionais sejam valorizados e que a sociedade como um todo abrace a causa da inclusão com empatia, respeito e compromisso.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CUNHA, G. R. **Educação inclusiva e autismo:** estratégias de ensino para alunos com TEA. São Paulo: Cortez, 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Eliane Medeiros. A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: novos desafios para a gestão escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 5-20, 2005.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943.

LORD, Catherine; BISHOP, Somer L. Autism spectrum disorders: diagnosis, prevalence, and services for children and families. **Society for Research in Child Development Social Policy Report**, v. 24, n. 2, p. 1-27, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MELLO, Claúdia Regina; SCHNEIDER, Neiva M. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades na prática docente.**Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 353-370, 2018.

OLIVEIRA, A. M.; SILVA, F. M. Ambientes estruturados e comunicação clara no ensino de crianças com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2020.

OLIVEIRA, Rosita Edler de; ARANHA, Maria Salete Fábio. Políticas públicas e educação inclusiva no Brasil: reflexões sobre a trajetória recente. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 36, p. 25-36, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Transtorno do Espectro Autista: dados e estatísticas. Genebra:** OMS, 2021. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disordersdamente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PLETSCH, Marcia Denise. A escolarização de alunos com deficiência intelectual: desafios e possibilidades. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 137-153, maio/ago. 2009.

SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo:** uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Memnon, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: CORDE, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.